

Joanília Sodré: Maestra e Maestria

Antonilde Rosa Pires

Em 1924, ao concluir sua graduação em bacharelado em Composição e Regência, Joanília Sodré começou a desenvolver sua carreira profissional como Maestra.

A conquista do título de Maestrina por Joanília foi altamente noticiado no Brasil e no mundo. Encontramos referências inclusive em jornais franceses. No Brasil; no sul, onde ela nasceu; no norte; no nordeste; e no sudeste o título foi celebrado e destacado em toda imprensa (PAZ, 1994, p. 240).

Joanília cresceu sob olhares de uma audiência patriarcal cujos padrões de referências e experiências são conservadoras, que resultam em julgamentos severos e exigências desumanizadoras, sobretudo no que tangencia as atuações de mulheres cujas trajetórias são marcadas pela misoginia, violência de gênero e o racismo patriarcal.

FOTO 01: Maestra Joanília Sodré regendo um Coral de 500 vozes



Fonte: Joanília Sodré. Arquivo pessoal - Biblioteca Alberto Nepomuceno.

A repercussão internacional da colação de grau em regência, de Sodré, e o sensacionalismo da imprensa, posicionaram a musicista como a primeira maestra do Brasil e da América Latina com formação superior. Em 1927, Joanília Sodré foi convidada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro a reger um Coral de 500 vozes, com a Orquestra de Professores do Centro Musical do Rio de Janeiro.

Ainda no ano de 1927 a maestra venceu o concurso “Prêmio Viagem à Europa”, com uma ópera em um ato, titulada “Casa Forte”, cujo libreto tem a autoria de Goulart de Andrade. Com a conquista, ao mesmo tempo em que requeria a oportunidade de aperfeiçoar seus saberes em regência, Sodré se afirmava como compositora, já que o critério de aprovação do concurso era a composição de uma obra musical. A jovem maestra, vencedora do concurso, viajou no ano de 1928 para o seu novo e intenso processo de qualificação na Academia de Música de Berlim.

FOTO 02: Programa do concerto da Mestra Joanídia Sodré da Orquestra Filarmônica de Bonn



Fonte: Imagem de Joanídia Sodré. Arquivo - Dissertação de Mestrado de Dalila Vasconcellos de Carvalho (2010).

Sob a orientação do professor Waghalter, fez seu curso de aperfeiçoamento em Regência e Prática de Direção Sinfônica e regeu a Ópera Estatal de Viena (Stadtooper) durante o tempo em que trabalhou como regente interna da instituição. Ao reger a Filarmônica de Berlim, na Sala Beethoven, Joanídia se consagrou como uma das primeiras maestras a reger uma das orquestras mais aclamadas do mundo.

Ao voltar para o Brasil em 1930, Joanídia Sodré fez uma série de concertos no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Promoveu o concerto da programação artística do Segundo Congresso Feminista em 1931, dentre outros eventos importantes do cenário musical carioca. A regente comandou a Orquestra da

Sociedade de Concertos Sinfônicos do Rio de Janeiro formada por músicos do Centro Musical do Estado do Rio de Janeiro, atual Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro - SindMusi.

FOTO 03: Orpheão Feminino do Centro de Intercâmbio Musical Luso Brasileiro



Fonte: Fundo - Federação pelo Progresso Feminino - Arquivo Nacional.

Além das funções desempenhadas no Instituto Nacional de Música, Joanídia Sodré atuou em outras instituições musicais e fundou grupos pensando tanto no ensino quanto na formação artística que pudesse alimentar as demandas musicais da época. Para atender às demandas artísticas do movimento feminista sufragista, ela fundou o Orpheão Feminino.

Além de suas habilidades políticas e talento musical, Joanídia falava fluentemente francês, inglês e alemão, o que lhe permitia contatos com diversos países. O seu cargo de diretora artística e maestra do Centro de Intercâmbio Musical Luso-Brasileiro ampliou ainda mais esse elo e o aporte político da regente compositora. Para consolidar seus objetivos e atuação no movimento social sufragista, Joanídia articulou e juntou as três instituições: Instituto Nacional de Música, Federação pelo Progresso Feminino e Centro de Intercâmbio Musical Luso Brasileiro por meio do Orpheão Feminino. O Coral era composto por alunas do Instituto e filiado ao Centro de Intercâmbio para atuar nos eventos artístico-políticos da Federação e do Centro de Intercâmbio.

FOTO 04: Orquestra Infantil da Escola Nacional de Música



Fonte: Acervo do Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro.

Dentre tantas, uma das criações da maestra Sodré foi a Orquestra Infantil. Esse projeto no qual visava a formação musical e o desenvolvimento da música orquestral, artística no Rio de Janeiro e futuros novos alunos da Escola Nacional de Música, dividiu opiniões, tendo em vista a conjuntura social e política da época, alicerçada pela eugenia racial, de gênero e a discriminação de classe. Em algumas matérias de jornais que figuram os principais documentos sobre o grupo, os críticos da elite tecem duros julgamentos sobre a iniciativa social de Joanídia e seus músicos mirins, por meio dos quais discriminam parte dos componentes da orquestra.

Se houve rejeição ao projeto de extensão universitária da Maestra por parte de críticos musicais da elite carioca, por outro lado, o projeto foi bem recebido e elogiado por intelectuais que estavam pensando e buscando possibilidades de letramento musical como uma ferramenta social e de profissionalização de músicos dentro de um ideal de modernidade referenciada nos principais países da ordem colonial europeia, como por exemplo, o escritor Mário de Andrade - um

personagem central da escola modernista e nacionalista do Brasil, que registrou suas inferências sobre a Orquestra Infantil.

Sobre a autora

Antonilde Rosa Pires - Doutoranda em Música PPGM/UNIRIO pelo projeto de pesquisa GeCULTE - Grupo de Estudos em Cultura, Trabalho e Educação. Mestra em Música PPGM/UFRJ pelo projeto de pesquisa Africanias. Graduada em Canto Bacharelado - EMAC/UFG. Foi bolsista FAPERJ do Programa Treinamento e Capacitação Técnica (TCT 5- Capacitação de Mestre). É Vice- líder do Projeto de Pesquisa em Música Africanias - da Escola de Música da UFRJ.